

EDITORIAL

Esta edição dá continuidade às homenagens ao Prof. Leodegário Amarante de Azevedo Filho. Por isso relembramos ensaio do ilustre mestre, sobre a obra de Gregório de Matos, além de reproduzirmos palestra de Raimundo Jacques, um de nossos primeiros acadêmicos, que tratou da obra do grande camonista Afrânio Peixoto, membro fundador de nossa Academia. Como é notório, nosso Presidente de honra foi um dos maiores cultores da obra camoniana.

Nas homenagens ao Mestre Leodegário, repetimos palavras de grandes amigos, como o poeta lusitano Albano Martins:

Além de grande filólogo e camonista militante, de exceção, Leodegário de Azevedo Filho foi também grande amigo de nosso país, que frequentemente visitava e onde tinha numerosos amigos. Lembra-se aos que o não sabem ou esqueceram, que Leodegário (o Leo, como era conhecido entre os amigos) foi, durante o ano de 1972, professor visitante da Universidade de Coimbra. Também esta, por isso, está de luto. Assim o cremos, ao menos. A exemplaridade e a excelência têm de ser reconhecidas e, mais do que isso, assinaladas e honradas.

O presidente da ABRAFIL, Antônio Martins de Araújo, na parte final de sua exaltação à obra de Leodegário, assim se expressou:

Com seu dignificante exemplo, Leodegário consubstanciará *post-mortem* o princípio de que a Arte cria uma realidade muito mais real do que a própria realidade. Seu falecimento nos deixou órfãos de sua presença, mas suas obras mostrarão a seus pósteros, como nós outros aqui sobreviventes, que sua linda, longa e produtiva vida valeu mais do que a pena ser vivida.

Também devemos ressaltar as palavras da Mestre Sônia N. Salomão, crítica e ensaísta, professora de Língua Portuguesa e Brasileira na Sapienza, Universidade de Roma:

Talvez a comoção desta hora, provocada pela amizade, leve a uma espécie de exortação geral, a uma chamada às armas no combate à apatia burocratizante a que pode conduzir a vida acadêmica, não só no Brasil.

Leodegário dela escapou no seu longo magistério na UERJ e na UFRJ. Assim, esta homenagem deseja seguramente afirmar um modelo de estudioso combativo, apaixonado e dedicado que navegou com a sua filologia por mares nunca dantes navegados.

Finalmente, acreditamos que estas homenagens que se estenderam na comemoração dos sessenta e sete anos de nossa Academia são prova evidente de que o trabalho acadêmico de nosso Presidente de Honra será sempre lembrado.

Manoel Pinto Ribeiro

